

# Natureza e origem da Bibliografia: uma perspectiva disciplinar para contemporaneidade<sup>1</sup>

*Nature and origin of Bibliography: disciplinary perspective to contemporaneity*

**Fiammetta Sabba**

Doutora em Ciências Bibliográficas, Arquivísticas, Documentárias e para Restauro e Conservação dos Bens Bibliotecários e Arquivísticos – Universidade de Udine.

Professora Associada do Departamento de Bens Culturais da Universidade de Bolonha – UNIBO.

E-mail: [fiammetta.sabba@unibo.it](mailto:fiammetta.sabba@unibo.it)

## Resumo

O trabalho propõe o estudo da *Bibliotheca Universalis* de Conrad Gesner através da tipologia de fontes de informação utilizadas pelo autor em sua composição e de sua representatividade bibliográfica em relação à cultura escrita disponível na época. Com base nisso, propõe medir o grau de 'universalidade' da obra na perspectiva da meta desejada e dos instrumentos a sua disposição. Para isso, se elabora um percurso de revisão das fontes utilizadas por Gesner, que variam entre catálogos editoriais, catálogos de bibliotecas e, ainda, bibliografias propriamente ditas, fontes obtidas, na maioria das vezes, ao longo de viagens realizadas pelo autor. Se destaca assim, na reconstituição desse percurso de pesquisa de Gesner, a atualidade de seu projeto bibliográfico, fundamentado no princípio de registrar o patrimônio escrito, de classificá-lo e identificar aquilo que ainda precisava se tornar público. Desenvolve-se, ainda, uma discussão que visa mostrar afinidades e paralelismos entre as necessidades de uma construção 'semântica' da informação nos nossos tempos e a atualidade do Método Gesneriano para tanto.

**Palavras-chave:** Bibliografia – História e Teoria. Conrad Gesner (1516-1565). *Bibliotheca Universalis* (1545). Método Gesneriano. *Pandectae* (1548-1549).

## Abstract

The paper proposes the study of *Bibliotheca Universalis* of Conrad Gessner through the typology of information sources used by the author in its composition and its bibliographical representation in relation to written culture available at the time. On that basis, the paper proposes to measure the degree of 'universality' of the work in view of the desired goal and the instruments at their disposal. For this, it prepares a route review of the sources used by Gesner ranging from publishing catalogs, library catalogs, and also actual references, sources obtained, most often over trips made by the author. Stands thus in the reconstruction of this Gesner route research, the relevance of his bibliographic project, based on the principle of recording the written heritage, to classify it and identify what still needed to be made public. It develops also a discussion that aims to show affinities and parallels between the needs of a 'semantic' construction information in our times and the actuality of Gesnerian Method therefore.

**Keywords:** Bibliography – History and Theory. Conrad Gesner (1516-1565). *Bibliotheca Universalis* (1545). Gesnerian Method. *Pandectae* (1548-1549).

---

<sup>1</sup> Tradução de Giulia Crippa. Revisão de André Vieira de Freitas Araujo.

## Introdução

Essa contribuição é a elaboração por escrito da “Conferência de Encerramento” que ministrei no dia 4 de dezembro de 2015 na Biblioteca da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP), em ocasião do II Seminário Internacional “A Arte da Bibliografia: História, Natureza e Relações (Inter)Disciplinares”, realizado junto ao Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

No título do Seminário foi utilizado o termo ‘Arte’ em relação à Bibliografia; trata-se de uma aproximação críptica que, porém, acabou se revelando e se esclarecendo ao longo dos dois dias do evento: ‘Arte bibliográfica’ enquanto técnica, mas também tecnologia e, ainda, acima de tudo, como conhecimentos, competências, sabedorias, expedientes e estratégias da Bibliografia em relação à tradição escrita - sígnica e simbólica - para uma interpretação histórica e, ao mesmo tempo, futurística do mundo da informação.

O conceito de ‘informação’ é, por sua vez, complexo e amplo, e seu valor depende do ponto de vista das disciplinas e dos campos que o utilizam, o tratam e o analisam, tais quais os âmbitos informático, cibernético, filosófico, jornalístico, artístico, sociocultural...

Atenção deve ser reservada falando em dados como informações, isso vale sempre e tanto mais em nosso campo das ‘comunicações documentárias’. Para que um dado ou grupos de dados se transformem em informação sua recepção deve, com efeito, acontecer por parte de uma estrutura já suficientemente complexa e aparelhada para recebê-los e elaborá-los. Os dados se transformam em informação, portanto, somente nas condições em que podem contribuir a elevar mais o nível de complexidade de que aquela estrutura receptora já é portadora.

A Ciência da Informação é uma disciplina interessante, rica, atual e necessária, porém não é uma ciência do ponto de vista constitutivo, pois não possui seu próprio protocolo epistemológico e metodológico que permite comparações. Ao invés disso, ela baseia-se nos resultados de outras disciplinas para compor suas teorias e para construir suas perspectivas. Isso nos induz a afirmar que essa não é uma ciência em si, mas torna-se tal na medida em que assume uma natureza transdisciplinar que lhe impõe um método não tanto de consolidação de si mesma, quanto de coesão e amálgama de outras ciências; podemos portanto definir mais corretamente a Ciência da Informação como uma ciência das comunicações.

Essa premissa nos introduz à reflexão sobre Bibliografia, sobre seu papel como disciplina e sobre seus pressupostos conceituais enquanto ‘Ciência das comunicações registradas’. De um ponto de vista bibliográfico, com efeito, nos interessa aquela informação ligada à produção literária e científica escrita. Isso, como no caso da Ciência da informação, nos obriga a uma avaliação epistemológica e a nos perguntarmos se os temas enfrentados pela Bibliografia não teriam direito de serem tratados pelos setores científicos da História e da História da Literatura, ou se as ‘Disciplinas do livro e do documento’ possuem verdadeiramente uma sólida tradição e razões suficientes para existirem autonomamente de um ponto de vista tanto científico quanto acadêmico.

### **Natureza e papel disciplinar da Bibliografia**

Para entender o papel da Bibliografia é necessário antes compreender sua natureza, tanto através de sua relação com a biblioteca como conceito teórico e como sistema de gestão, bem como mediante sua relação com a História da Bibliografia e com a História das Bibliotecas.

Os termos ‘biblioteca’ e ‘bibliografia’ apresentam a mesma raiz semântica, que é aquela contida nas palavras gregas *ὁ βιβλος-ου*, isso é: casca, livro, e *τό βιβλίον-ου* = papel, escrito, obra, livro; enquanto se diferenciam pela desinência diferente, originada pelas palavras *ἡ θήκη-ης*, caixa, baú, embalagem, e *ἡ γραφή-ης*, escrita. Com a palavra latina ‘*bibliotheca*’ pelo menos até o século XVII entendia-se tanto uma ‘livraria’ quanto um ‘*catalogus*’, pois tratava-se de um recipiente de livros, fossem eles presentes fisicamente (ordenados nas estantes e nas prateleiras da biblioteca para serem consultados) ou presentes virtualmente (através de sua sinalização com finalidade informativa, conforme uma ordem alfabética ou sistemática, em um catálogo ou em um repertório bibliográfico).

Nessa sobreposição paradoxalmente encontra-se a essência metafísica da Bibliografia, que se ocupa, com efeito, de acolher e ordenar as conotações literárias e os elementos semânticos dos documentos gerados pelas outras disciplinas, no âmbito das quais serão sucessivamente reutilizados. A Bibliografia, portanto, consiste em uma metaestrutura, e é ela mesma uma metadisciplina que se torna *ancilla* e *domina* em relação a todas as outras categorias disciplinares: utiliza os produtos escritos no âmbito das outras disciplinas e os devolve a elas de forma organizada, para garantir sua recuperação, a permanência como sinal

e, onde possível, sua fruição.

Para essa atividade organizadora a bibliografia utiliza ‘índices’ que são exatamente aqueles conotados já mencionados, enquadrados em esquemas categoriais que mediam entre as exigências explícitas, implícitas e latentes do usuário, ou dos grupos de usuários, e as ofertas informacionais documentárias. Os planos de ação são o literário-autoral (autores, obras e edições), e o semântico-conceitual (assuntos, matérias, classes, âmbitos disciplinares). Trata-se da impositação que reencontramos nos Functional Requirement for Bibliographic Records (FRBR) com os quais a International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) desde 1998 comprometeu-se a adequar às novas exigências dos usuários as normas catalográficas formuladas em 1961 pelos Princípios de Paris.

- **Entidade 1. grupo**
  - obra
  - expressão
  - manifestação
  - item
  
- **Entidade 2. grupo** - pessoas/entidades responsáveis (na criação, realização, distribuição e gestão das entidades do primeiro grupo)
  
- **Entidade 3. grupo**
  - conceito
  - (assuntos das obras) - objeto
  - evento
  - lugar

Os índices configuram-se dessa forma como o produto e o instrumento das atividades de mapeamento e organização da Bibliografia, e a Bibliografia pode assim ser definida também como ‘Ciência das comunicações mediadas por índices’.

A Bibliografia, porém, se divide em dois ramos, um é o atual e um é o histórico, ambos com uma tarefa primária para o conhecimento: o primeiro desempenha um papel fundamental na permanência das memórias escritas, que são a garantia da civilização humana; o segundo interpreta as etapas disciplinares teóricas e evolutivas, explicando as ‘naturais seleções’ que aconteceram tanto para os documentos quanto para os mapas teóricos no âmago de cada época ou território cultural. Isso significa que também existe uma classificação das

indagações bibliográficas em cronológica, geográfica, disciplinar, um pouco como acontece também para a História da literatura que, diferentemente da Bibliografia, porém vê seu campo de ação se restringir a determinadas tipologias textuais.

Da História da Bibliografia de fato desenvolveu-se, em particular no século XVIII a *Historia literaria* que, em seguida consolidou-se na História da Literatura da qual já acenamos, enquanto a Bibliografia tornou-se, aos poucos, em sentido metafórico, a imagem no espelho da História da Cultura, a ser entendida como o *Zeitgeist* do mapeamento dos conhecimentos e da estratificação do saber.

Se a biblioteca é o sistema que põe em relação esses elementos:

- a) Autores (vontades intelectuais)
- b) Livros (Obras + Edições: manifestações intelectuais e materiais)
- c) Catálogos (conjunto de índices, esqueleto dos mapas categoriais, mediadores)
- d) Usuários (exigências informacionais conscientes, recepções inconscientes de ofertas informacionais)

... E se a biblioteca é composta por esses elementos constitutivos:

- a) Fundador (imprinting)
- b) Possessor/gestor (pública/privada - propriedade/acesso; estatais, de entidades, de comunidades, de ordens, de associações, universitárias ...)
- c) Coleções (histórica, moderna, de conservação, de consulta)
- d) Finalidades (*mission*)
- e) Usuários
- f) Instrumentos (catálogos – reais, por autores, por matérias - e inventários)
- g) Documentos (suportes vários)

Então no âmbito da disciplina de História das bibliotecas pode-se reconstruir tanto a história de uma instituição quanto a história do valor documentário e cultural de uma coleção, portanto indiretamente, a história de “uma cultura”. Em ambos os casos, de forma específica, descreve-se sua origem e fundação, sua história, consistência, destino e uso, e contextualiza-se culturalmente. Mas na História das bibliotecas existem grandes dificuldades, que residem, em primeiro lugar, na relação de grande indeterminação existente entre os elementos que já vimos compor uma biblioteca. Essa distância e tamanha rigidez aumentam nas bibliotecas de conservação, nas quais as estratificações dos livros pertencentes a épocas e culturas diferentes

entre si e da atual, desequilibram totalmente o conceito de congruência entre demanda e oferta, pois os mapas científicos e conceituais de referência e comparação são diferentes.

Em todo caso uma “História da biblioteca” deve sempre ser acompanhada por uma “História das bibliotecas”: ao lado de uma análise dos acontecimentos (dos fatos que a viram protagonista) e administrativa, de fato há uma análise bibliográfico-cultural (elemento que a distingue das outras instituições com tarefas de caráter sócio-assistencial, como, por exemplo, as escolas e os hospitais). É também indispensável atuar na História das bibliotecas buscando individualizar paradigmas, modelos de referência e de valor, conforme a tipologia estudada, para poder realizar processos de comparação. Na prática isso significa se por nas condições de poder medir tanto o grau de cobertura bibliográfica (literária, científica, editorial) quanto o nível das lógicas de sua organização (catálogos, classificações, disposição física dos documentos).

Por outro lado, as bibliotecas representam de fato a única testemunha de publicitação do passado e do presente, enquanto nenhuma elaboração bibliográfica ou histórica ou literária assinala, utiliza e ainda menos espelha tudo que há nas bibliotecas e que poderia ser utilizado.

A Bibliografia é a disciplina que está na base dessas reconstruções históricas, fazendo emergir o *humus* bibliográfico guardado nas bibliotecas. É também aquela que guia, na contemporaneidade, a formação, a construção e a atualização das coleções documentárias e dos instrumentos voltados para permitir, disseminar e valorizar o conhecimento. É bem nesses aspectos que reside a distinção entre Bibliografia e Biblioteconomia, que é a disciplina que se ocupa especificamente das técnicas e das tecnologias, portanto dos padrões, das normas e das linhas mestras e, ainda, dos *softwares* e dos programas que permitem às bibliotecas qualificar-se como sistemas organizados e de gestão.

## Origens de uma consciência bibliográfica e nascimento da Bibliografia como disciplina

A Bibliografia nasce, como é notório e como veremos, com Conrad Gesner; todavia, suas origens podem ser rastreadas a partir de um milênio antes, e é interessante seguir o amadurecimento de uma consciência bibliográfica, mesmo que de natureza ainda não disciplinar, mas sim instrumental e concreta.

Os autores anteriores a Johannes Trithemius e Conrad Gesner, acompanhando a Bibliografia em sua concretização disciplinar através de um inicial *De viris illustribus liber* que, aos poucos, ampliou-se e enriqueceu-se em uma perspectiva de “colaboração natural” (de mais de 130 entradas até acerca de 300), são: São Jerônimo (Séc. IV) , Genádio de Marselha (Séc. V), Isidoro de Sevilha (Séc. VI), Sigeberto de Gembloux (Séc. XI), Honório de Autun (Séc. XII) e Henrique de Gent (Séc. XIII).

Esses autores realizam aquela tipologia literária denominada “Prosopografia”, com a qual entende-se uma composição de repertório cujo objetivo ainda não é realizar um instrumento de recuperação eficiente e eficaz, como pode sê-lo um *promptuarium*, mas sim de compor uma história da literatura através da exposição sintética dos autores e de suas obras. Para tanto, a ordem interna das entradas dos autores é cronológica, baseado em seu aparecimento operacional-literário na história. O próprio “índice”, quando há um, limita-se a elencar aqueles nomes na mesma ordem em que se encontram no texto principal do *liber*. Essa mentalidade prosopográfica será bem próxima àquela que, muitos séculos depois, determinará a afirmação de uma tendência *historico-literaria* com o pressuposto de reconstruir e demonstrar o desenvolvimento e o desenrolar da produção escrita (nessa fase a referência da palavra *literaria* é à escrita e não a uma seção exata de produção como hoje entendemos). Essa orientação, por sua vez, deixará o legado, de um lado, à História da literatura que, de fato, concentra-se nos textos que hoje consideramos base de nossa cultura escrita em prosa e poesia e, do outro, ao cultivo de uma bibliografia nacional como representante histórico-político-geográfico da produção de escritos e de sua publicação em um “âmbito cultural confinado”.

Seguem alguns exemplos extraídos de uma edição de incunábulo do *Liber de viris illustribus* de São Gerônimo (FIG. 1). Aqui, uma página com inúmeras entradas de autores, marcadas por uma inicial uncial evidenciada, com biografias resumidas e a citação das obras escritas por cada autor:

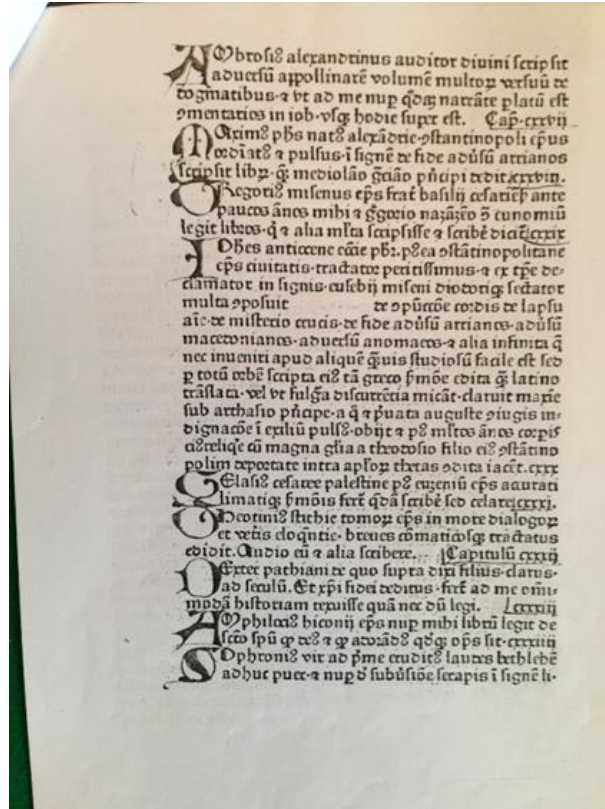


FIGURA 1 – *Liber de viris illustribus* – Entrada de autores  
Augsburg: Günther Zainer, [ante 1470?]  
Reprodução: arquivo particular de Alfredo Serrai

A figura a seguir (FIG. 2) mostra, por outro lado, o índice dos autores na ordem de seu aparecimento no texto; trata-se, mas do que um índice, de um ‘sumário’ que, aqui, é metaforicamente chamado *oculus*, para indicar, pelo termo ‘olho’, a ação de captura visual rápida das entradas evidenciadas.

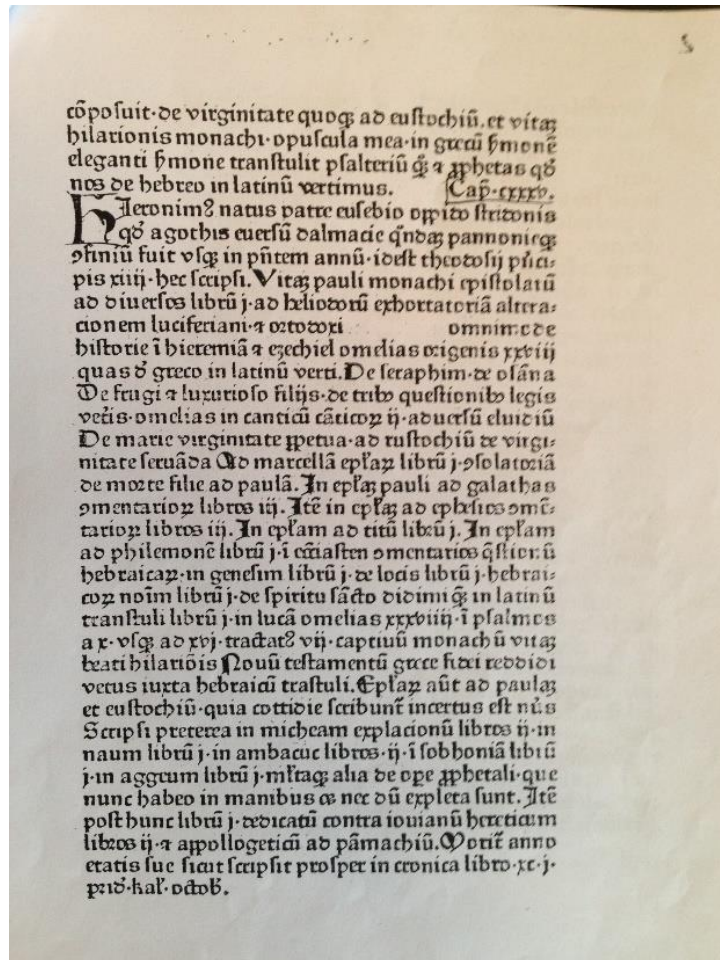


Daulus pro catalogo illustrium virorum

Incipiunt capitula	Dionisius eps	xxvij
Simon petrus aplos	i. Dimicus eps	xxviii
Jacobus frater dñi	ij. Tacianus hereticus	xxx
Matheus q et leui	iii. Philippus eps	xxx
Judas frater iacobi	iiii. Rufinus eps	xxxi
Daulus q an saulus	v. Proestus	xxxij
Barnabas q et ioseph	vi. Bartolomeus heticus	xxxij
Lucas euangelista	vii. Victor eps	xxxij
Marcus euangelista	viii. Hircenus eps	xxxv
Iohes aplos et cuan	ix. Pantenus pbs	xxxvi
gelista et apocalipsin	X. Koton taciari discipulo	xxxvij
Justinus et hircenus	Clemens presbiter origenis	
interpretati sunt	magister	xxxviii
Hermes qui et pastor	x. Melicrates	xxxviii
Philon iudeus	xi. Apollonius	xl
Lucius annius seneca	xii. Herapion eps	xli
Iosephus mattheie	xiii. Apollonius alius senator	xli
filius iudeus	Theophilus alius	xliij
Iustus tibeticus	xiiii. eps cesaree palestine	
iudeus	te pascha scripsit	
Clemens eps	xv. Basilus eps	xliij
Ignacius eps	xvi. te pascha scripsit	
Policarpus eps	xvii. Polycrates eps	xliv
Papias eps	xviii. te pascha scripsit	
Quadratus eps	xix. Heracitus i actib aplos	xlv
Austides pbs	xx. cum ornatium opusuit	
Agrippa castroris	xxi. Maximus	xlvij
Egesippus historicus	xxii. Candidus	xlvij
Iustinus pbs	xxiii. Apion	xlvij
Pileto eps	xxiiii. Dextus	lv
Theophilus eps	xxv. Arabianus	li
antiochenus	Judas	lii
Opollinatis eps	xxvi. Tertulianus presbiter	liii

**FIGURA 2** – *Liber de viris illustribus* – Índice dos autores na ordem de seu aparecimento no texto  
Augsburg: Günter Zainer, [ante 1470?]  
Reprodução: arquivo particular de Alfredo Serrai

Deve ser assinalada, para completar, a aparição nesse *liber* de São Jerônimo da primeira “autobibliografia” (FIG. 3), à qual o autor dedica amplo espaço!



**FIGURA 3** – *Liber de viris illustribus* – Autobiografia  
Augsburg: Günther Zainer, [ante 1470?]  
Reprodução: arquivo particular de Alfredo Serrai

Citamos os índices de nomes, mas não menos importante e certamente mais complexa é, por outro lado, a questão da indexação semântica. Junto aos *Indices scriptorum* existiam os *Indices verborum et rerum*, mas ainda não se tratava do índice por ‘assunto’ como conceito, quanto de um índice por palavras notáveis e relevantes presentes nos textos.

A função de evidência conceitual, todavia, se expressava pelos *loci*; em particular, havia a prática de compor *loci* teológicos, mas será somente Gesner que fornece à entidade bibliográfica dos *loci* uma arquitetura semântica universal, pura e estruturada. E veremos que Gesner antecipará soluções que, hoje, são difíceis para nós construirmos, principalmente por causa da rigidez de natureza linguística, ao mesmo tempo em que aspiramos, cada vez mais, a uma visão internacional, integradora, de troca e colaboração.

A “milénar cadeia bibliográfica”, como é chamado o arco desses autores prosopográficos, se encerra com o beneditino alemão Johannes Trithemius (Johannes Zeller, dito Trithemius pelo lugar de nascimento: Trittenheim, nascido em 1462, falecido em

Würzburg em 1516), personagem religioso lembrado, além dos trabalhos históricos, bibliográficos e devocionais, também pelos de criptografia, como sua *Steganographia*.

Trithemius publicou, pela primeira vez impresso, seu importante *Liber de scriptoribus ecclesiasticis* (FIG. 4) em Basel, pelos tipos de Johannes Amerbach, em 1494, após algumas redações manuscritas entre 1487 e 1492. A essa seguiram mais três edições, símbolo do sucesso que a obra obteve: Paris, Berthold Rembolt, 1512 (FIG. 5); Köln, Peter Quentell, uma em 1531 e outra em 1546.

O repertório contém 963 biobibliografias expostas conforme uma estrutura tabelar, derivada da herança manuscrita (título da obra, número dos livros e *incipit*). Trata-se de um enorme incremento de notícias em relação ao último repertório considerado na “cadeia” acima, redigido por Enrico di Gent!

De cuius opusculis subiecta reperit:			
De morum institutione:	librū	unū	Oñe peccatū actio est.
De quattuor uirtutibus	li.	i	Quattuor uirtutū species.
De remedijs fortunæ:	li.	i	Licet cunctos: poetaꝝ.
Declamationū:	li.	x	Exigitis rem magis iocun.
De clementia ad Neronē:	li.	ij	Scribere de clementia.
De beneficijs ad Brutū	li.	vij	Inter multos ac uarios.
De ira ad Nouatum:	li.	iiij	Exegisti a me Nouate.
De prouidentia:	li.	i	Quæstisti a me Iulii quid.
De uita beata ad Gallionē:	li.	i	Viueri Gallio frater oēs.
De consolatione ad Marcia:	li.	i	Nisi te Marcia scirem.
De consolatione ad matrem:	li.	i	Sæpe iā mater optima ipe.
De tranquillitate uitæ:	li.	i	Inquirēti mibi i me quædā.
De in sapientē nō cadit iniuria:	li.	i	Tantū inter stoicos fere.
De breuitate uitæ:	li.	i	Maior pars mortalū.
De studijs liberalibus:	li.	i	De liberalibus studijs qd.
De quæstionibus naturalibꝰ:	li.	vij	Quātū inē pbiam interest.
Suasoriarū sententiæ:	li.	i	Sin ut cuiuscūq; rei mag.
Controuersiarum:	li.	v	Duo fratres inter se disse.
De paupertate:	li.	i	

FIGURA 4 – *Liber de scriptoribus ecclesiasticis* – Estrutura tabelar retirada da edição de 1494  
Reprodução: arquivo particular de Alfredo Serrai



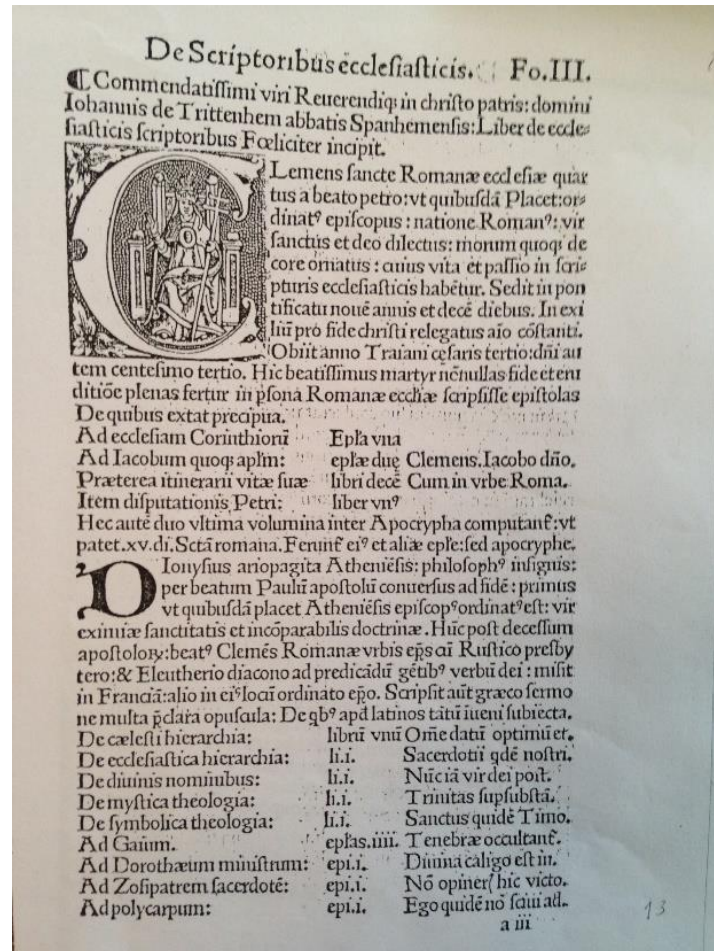


FIGURA 5 – *Liber de scriptoribus ecclesiasticis* – Exemplo de biobibliografia retirada da edição de 1512  
Reprodução: arquivo particular de Alfredo Serrai

A novidade no índice representada pelo repertório bibliográfico trithemiano reside na proposta de um índice alfabético final dos nomes (FIG. 6) com vantagem, para a consulta, de entradas do texto principal ordenadas, sempre cronologicamente, por período de máxima fama (indicado pelo verbo “floruit”). Trithemius qualifica-se, portanto, como uma espécie de “avô da Bibliografia”, pois testemunha o nascimento de uma consciência do índice também nos repertórios e nos prontuários, portanto bibliográfica. Sua lucidez, porém, não reside tanto na ordenação alfabética, quanto na ordenação do índice diferenciado a respeito daquele do texto, de maneira que o índice não é mais um resumo do conteúdo, mas um instrumento lógico de recuperação e consulta da obra.

ANNOTATIO SCRIPTORVM

50

Annotatio Scriptorum in hoc opere commemoratorum cum appositione numeri ordinem & locum uniuscuiusque eorum demonstrantis.

Chacius episcopus. Fol. 13	Amphlogius epus.	16
a Acursius. ll. 64	Anatholus epus.	9
Adam abbas. 52	Anastasi <sup>o</sup> papa.	33
Adam wernberus. 139	Anastasi <sup>o</sup> Roman <sup>o</sup> .	44
Adamatus Origenes. 6	Andreas monachus.	113
Adamatus abbas. 39	Anneus Seneca pbus.	2
Adelmus epus. 39	Andoen <sup>o</sup> epus.	39
Adelboldus epus. 49	Angelus Perulin <sup>o</sup> . ll.	102
Adelmannus epus. 49	Angelus de Saxonia.	123
Adelphus abbas. 58	Angelus de clauasio.	129
Adilredus abbas. 62	Angelus polician <sup>o</sup> .	132
Adrian <sup>o</sup> papa primus. 47	Angelom <sup>o</sup> monach <sup>o</sup> .	43
Adreualdus monach <sup>o</sup> . 46	Archelaus epus.	9
Alanus de insulis. 77	Arator subdiacon <sup>o</sup> .	35
Alanus de Rupe. 123	Aribo archiepiscopus Mogunt. <sup>o</sup>	48
Albertus abbas. 48	Ansbert <sup>o</sup> monachus.	46
Albertus monachus. 50	Anselmus monachus.	50
Albertus patriarcha. 61	Anselm <sup>o</sup> epus Luce <sup>o</sup> .	52
Albertus galioti. ll. 65	Anselm <sup>o</sup> cantuarien.	53
Albertus magn <sup>o</sup> . 68	Anselm <sup>o</sup> Laudunen <sup>o</sup> .	55
Albertus Patauin <sup>o</sup> . 77	Antonius abbas.	11
Albertus Brixianus. 86	Antonius de Padua.	64
Alberticus Roxiar <sup>o</sup> . ll. 87	Anton <sup>o</sup> de Butrio.	103
Albertus de Eybe. 120	Anton <sup>o</sup> lanuensis.	105
Albertus de Prufa. 138	Antonius de Parma.	105
Alexander epus. 8	Antonius Gaynerus.	112
Alexander papa tertio. 60	Anton <sup>o</sup> Roselus.	121
Alexander de Ales. 67	Antonin <sup>o</sup> archiepiscopus.	113
Alexander Dolenfis. 67	Antiochus epus.	17
Alexander de Alexandria. 78	Ansegisus abbas.	44
Alexander papa. v. 100	Apollinaris Hieropol.	4
Alexander de Imola. 122	Apollinaris Laodice <sup>o</sup> .	13
Alcuin <sup>o</sup> sive Albinus. 41	Apolloni <sup>o</sup> doctor.	5
Albo Floriacen <sup>o</sup> . abbas. 48	Apollonius Roman <sup>o</sup> .	6
Algerus monachus. 50	Aprigius epus Pacensis.	35
Almannus monach <sup>o</sup> . 45	Aquinas praedicator.	138
Albanus archiepiscopus. 50	Aristides pbus.	4
Alpharus minor. 83	Arlotus minor.	74
Alphonus rex. 70	Arnobius pbyter.	10
Alphonus epus. 88	Arnoldus abbas.	68
Ammonius Alexandrin <sup>o</sup> . 7	Arnoldus Both <sup>o</sup> Carmel. <sup>o</sup>	135
Ammonius monachus. 48	Asclepius epus.	29
Ambrosi <sup>o</sup> diacon <sup>o</sup> . 7	Astefanus minor.	83
		12

FIGURA 6 – *Liber de scriptoribus ecclesiasticis* – Índice final alfabético retirado da edição de 1494  
Reprodução: arquivo particular de Alfredo Serrai

## O projeto bibliográfico de Gesner

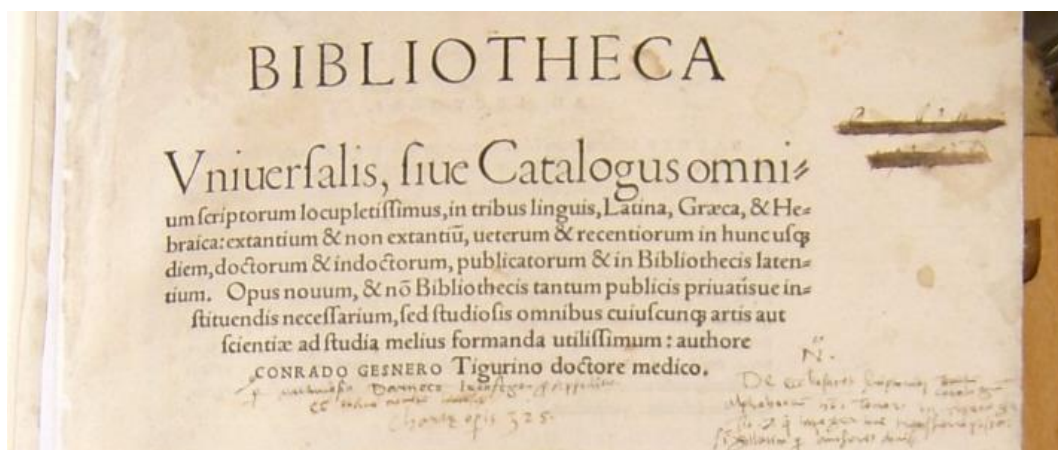
Se Trithemius é o antepassado da Bibliografia, o pai fundador é Conrad Gesner (Zurique, 1516-1565), cientista, erudito e bibliógrafo. Trata-se de uma personalidade ainda a ser conhecida mais aprofundadamente, apesar de ter sido cuidadosamente estudado várias vezes em perspectiva temática, desde suas obras botânicas até sua biblioteca pessoal e sua visão teológica. Nem sempre foram estudos científicos, em alguns casos Gesner foi superficialmente citado utilizando o reconhecimento que decorre de seu ecletismo de interesses como filólogo, botânico, zoólogo, médico, teólogo, bibliógrafo...

A esse perfil enciclopédico, mas ainda assim, compacto, contribuiu a proximidade com personalidades religiosas de destaque na Reforma protestante, em primeiro lugar com Ulrich Zwingli (falecido em 1531) que, em sua visão teológica - que fundou a corrente

específica “zwingliana”, distinta do luteranismo e do calvinismo – reunia e harmonizava os princípios da teologia cristã, com a herança intelectual da civilização clássica e pagã, até com o exercício da razão. Zwingli realmente foi um homem de seu tempo, um pensador renascentista, para o qual Deus correspondia à verdade e ao bem supremos, distribuindo a todos a possibilidade de acessar à verdade e de poder-se, portanto, salvar desde o momento da criação e não somente com a encarnação, como historicamente dogmatizado. A tradição pagã e a teologia cristã encontravam-se, assim, no mesmo quadro filosófico e cultural. Isso legitimou Gesner, que era seguidor, a concretizar uma obra bibliográfica que compreendia indistintamente todos que até então escreveram obras dignas de memória.

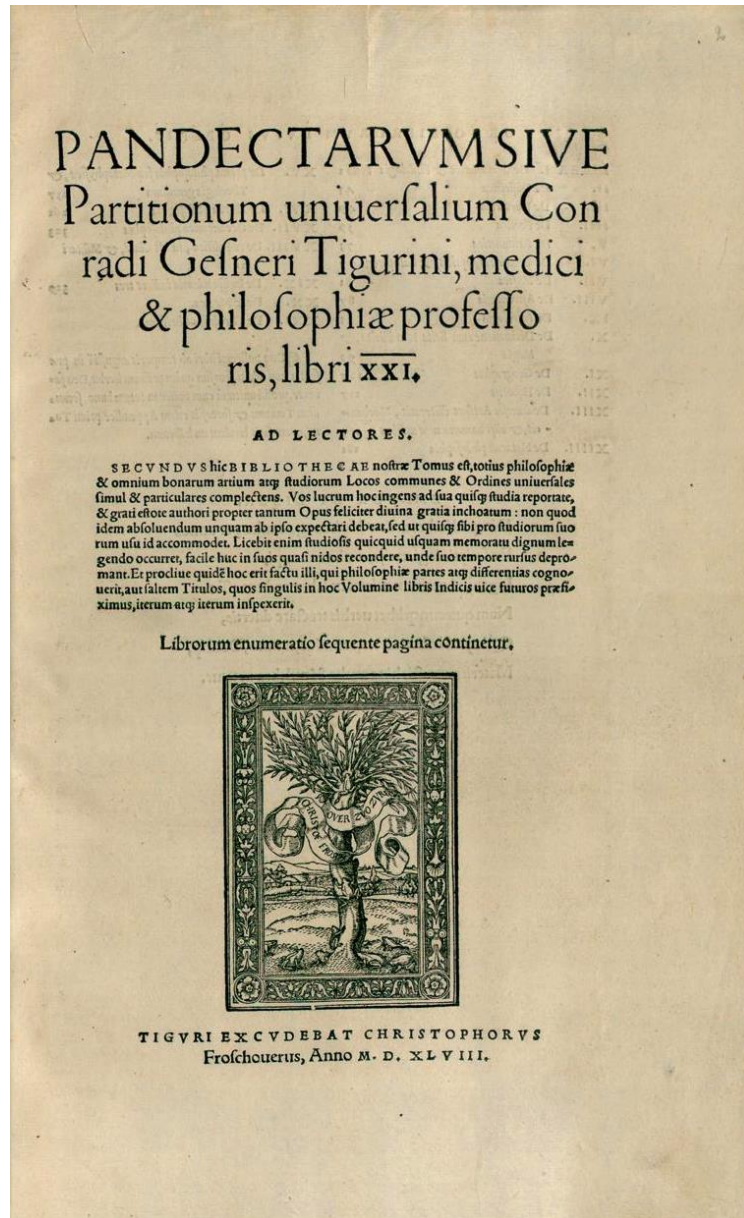
Com efeito, nos interessa exatamente a obra bibliográfica monumental de Gesner, onde se encontram comprometidos, sintetizados e representados iconograficamente todos os seus interesses, suas visões e suas experiências em uma estrutura holística, e onde cada fiapo de saber encontrou o lugar que lhe cabia no universo do conhecimento.

Gesner produziu para ser impressa a *Bibliotheca Universalis* (FIG. 7), editada em Zürich pelo tipógrafo Christoph Froschauer em 1545, à qual seguiram as *Pandectae*, publicadas em dois volumes, o primeiro em 1548 (FIG. 8) e o segundo em 1549 (FIG. 9). Os três volumes são entregues ao tipógrafo por Gesner separadamente, todavia - como já demonstrei – integram-se perfeitamente em um único projeto bibliográfico. Trata-se, de fato, de um imenso trabalho bibliográfico caracterizado pela intenção de oferecer o quadro total da realidade científico-literária da metade do século XVI.

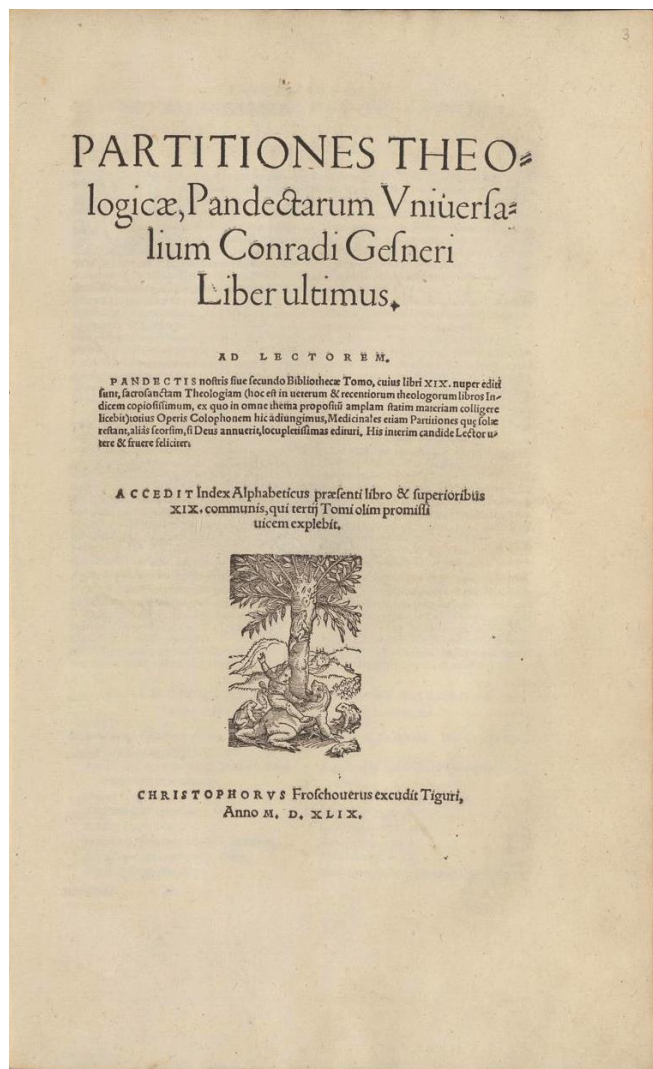


**FIGURA 7** – Título do frontispício de *Bibliotheca Universalis* (1545)  
Reprodução: arquivo particular de Alfredo Serrai





**FIGURA 8** – Página de rosto do I volume das *Pandectae* (1548)  
Disponível em: <<http://www.e-rara.ch/zuz/content/pageview/1160095>>



**FIGURA 9** – Página de rosto do II volume das *Pandectae* (1549)  
Disponível em: <<http://www.e-rara.ch/zuz/content/pageview/678541>>

A única chave para entender o real porte informacional do repertório, tanto em termos documentários quanto exegeticos, foi considerar as fontes de informação utilizadas para compô-lo e sua representatividade bibliográfica em relação à cultura escrita disponível na época. Como consequência, foi possível medir seu grau de ‘universalidade’ face aos propósitos desejados e aos instrumentos disponíveis. Isso não tinha sido aprofundado, de fato, antes da publicação de meu volume *La Bibliotheca Universalis di Conrad Gesner: monumento della cultura europea* (Roma, Bulzoni, 2012), no qual confluíu também minha tese de Doutorado em Ciências Bibliográficas, Arquivísticas e Documentárias, defendida em Udine em 2009. O trabalho, porém, foi publicado três anos mais tarde, pois minha análise do repertório continuara e se tornou portanto necessário reelaborar os resultados para poder-los divulgar de forma clara também para os leigos no campo da Bibliografia. Já ficou estabelecido o interesse por Conrad Gesner e sua fama, que estavam se ampliando



rapidamente e “popularizando”, em vista, também, das comemorações marcadas para 2016.

### **As fontes de *Bibliotheca Universalis***

As fontes das quais teria sido atingido o material encontra-se assinaladas na *Epistola nuncupatoria* da *Bibliotheca* e em algumas partes das *Pandectae*, bem como, frequentemente no próprio texto do repertório. Em geral, as sinalizações bibliográficas, tanto aquelas somente literárias quanto as editoriais, decorrem de:

- as autópsias realizadas pessoalmente sobre o material impresso de propriedade do próprio Gesner e de seu círculo de amigos e eruditos, especificamente médicos e filólogos, ou guardado em bibliotecas às quais teve acesso durante suas inúmeras viagens;
- a correspondência com os amigos e as conversas com os doutos;
- os catálogos dos tipógrafos e dos livreiros recuperados nas feiras comerciais ou que lhes foram enviados;
- os índices das bibliotecas públicas e particulares, tanto verificados pessoalmente como obtidos em cópia;
- os repertórios bibliográficos que antecederam o dele, entendendo com isso tanto obras de conteúdo bibliográfico, como repertórios bibliográficos propriamente ditos; Gesner usou, de fato, uma ampla variedade de repertórios, desde os dos prosopógrafos que o antecederam – portanto desde São Jerônimo até o abade Johannes Trithemius – até os de especialistas no Direito, Poesia, Medicina e Botânica (Lilio Gregório Giraldi, Pietro Crinito, Symphorien Champier, Otho Brunfels, Leonhard Fuchs, Raffele Maffei dito Volaterranus, Johann Fichard, Bernardino Rutilio, Giovanni Nevizzano...).

A parte mais notável dos “recipientes informativos” dos quais Gesner obteve notícias, porém, decorre inegavelmente de suas viagens, em primeiro lugar daquele para a Itália em 1543. Gesner viajou, naquela época, para Ferrara, Verona, Como, Bolonha e Veneza, nessa última a convite do embaixador espanhol Diego Hurtado de Mendoza.

A colaboração entre estudiosos e eruditos era a base da comunidade literária, a troca de textos e notícias era um bem coletivo. Havia ocasiões anuais de encontro, como a permanência nas termas ou as feiras das Nundinas, das quais nasciam colaborações, amizades, convites recíprocos, e tudo isso facilitava, ao lado da circulação dos eruditos, também e acima

de tudo aquela das notícias de textos e livros, além dos próprios livros, bem como de cópias dos catálogos. As cidades italianas, tornando-se instituições-hospedeiras do patrimônio de livros gregos depois da fuga dos gregos de Corfù, haviam se tornado uma meta almejada e privilegiada. Em particular, para estudar, eram visitadas, frequentadas e escolhidas pela presença dessa literatura as cidades de Veneza e Pádua.

### **A importância e o papel dos repertórios bibliográficos na tradição cultural**

A tradição anterior precisava ser conhecida, boa parte precisava ser ainda descoberta, para depois ser utilizada como base para novas pesquisas e empreitadas de estudo e divulgação. Ainda não estavam firmes os conceitos de plágio, direito autoral, paternidade autoral subtraída, mas os eruditos eram, em geral, movidos no âmbito de uma ecumenicidade extraordinária. Não se tratava de descobrir estradas desconhecidas, mas sim de seguir, aperfeiçoando, aprofundando e documentando o que a civilização humana traçara ao longo do caminho, com a finalidade de prestar, sempre, contas explícitas e públicas.

Porém, além de conotar o patrimônio científico e literário, os repertórios acabavam fotografando e fixando o *status* de coleções e bibliotecas individualizadas, bem como de épocas e de suas tendências e preferências culturais. São incluídos ambientes religiosos e laicos, bibliotecas públicas e particulares, essas últimas, com frequência, pela liberalidade de acesso e consulta eram mais públicas das que eram pela gestão e definição estatutária. Paradoxalmente, é por esse motivo que as coleções particulares, as mais ricas e mais próximas da perfeição de um ponto de vista bibliográfico, eram as mais cobiçadas pelos eruditos.

Da análise de uma qualquer coleção particular entre as muitas citadas na *Bibliotheca* emerge como, graças ao repertório gesneriano, é possível reconstruir, ainda que, às vezes, parcialmente, a coleção de livros de um erudito, tanto em sua composição quanto em sua qualidade literária e bibliográfica, portanto com o repertório gesneriano se confirma, dessa maneira, bem na função de testemunha, muitas vezes única, relativa a coleções de livros particulares interessantes na perspectiva da reconstrução do ambiente erudito do século XVI.

Gesner, mesmo quando no prefácio à *Bibliotheca* fala da necessidade de registrar o patrimônio para lhe garantir pelo menos notícia no futuro, não pensava em realizar uma testemunha escrita de bibliotecas individuais ou coleções. Isso, todavia, aconteceu de maneira involuntária face a primeira intenção. Com efeito, ele não se concentrara tanto nos exemplares

e em suas características, nem nas edições, mas sim – e este é o fato bibliográfico principal – nas obras e nos textos. Gesner não realizou um repertório “universal” completo de todas as edições manuscritas e impressas alcançadas, mas de todas as *obras* de que recebera notícia tanto direta quanto indireta, mesmo quando se tratava de obras perdidas. Além disso quando, como filólogo experiente, ele sinalizava a presença de mais exemplares para colacionar, o fazia com a finalidade de oferecer aquela documentação que podia servir para produzir novas edições impressas mais corretas que as anteriores. O foco era, portanto, a melhoria da produção intelectual, literária e científica.

Assim, constituem o tecido base da *Bibliotheca* as fontes catalográficas, as de tipo literário-bibliográfico inerentes, em particular ao Direito, à Medicina, à Poesia, e as bibliografias propriamente ditas, isso é, na terminologia gesneriana, os *Catalogi scriptorum*.

Reservatório informacional riquíssimo foram alguns catálogos de bibliotecas principalmente italianas: em Veneza a de Bessarião, a de Hurtado de Mendoza, de Santo Antonio do Castelo, do Mosteiro de São João e Paulo; em Bolonha a Biblioteca de São Salvador; em Roma a Vaticana, e em Florença a Medíceo-Laurençiana. Se registra também uma presença notável de coleções estrangeiras, como aquelas particulares de Desiderius Erasmus, de Conrad Peutinger, de Cristoph Clauser, de Alexander Brassicanus, além daquela pública de Augsburg.

Entre as fontes protagonistas da *Bibliotheca* lembramos também dos catálogos de venda de tipógrafos e editores. Particularmente ricas são as notícias bibliográficas provenientes das áreas alemã e francesa, às quais Gesner era mais ligado, seguidas pela área italiana, cuja presença é justificada pelo fato de aí se preservar a maioria das obras ainda inéditas em latim e, principalmente, em grego.

Em meu volume qualifiquei os catálogos de editores, tipógrafos e livreiros como “fonte oculta”, na medida em que não abertamente declarada por Gesner nas declaratórias da *Bibliotheca*. A essa tipologia de fontes pertencem os catálogos de venda de alguns editores publicados em introdução para 7 dos 20 livros dos quais se compõem as *Pandectae gesnerianae*, e são os de Froschauer, Gymnich, Wechel, Gryphe, Frellon, Manuzio e Froben.

Percebe-se plenamente, por essa apresentação exegética como Gesner trabalhara sem parar em busca de notícias sobre material literário e bibliográfico, utilizando os mais variados canais. Isso foi possível apesar das dificuldades de comunicação e de deslocamento, pois era

suportado por uma tradição anterior bem consolidada e por uma sociedade culta e erudita, consciente do valor daquilo que conhecia, manuseava, possuía e estudava e que, portanto, era colaborativa, generosa, impregnada de valores intelectuais altos e nobres. A colaboração entre os estudiosos era à base da realização das empreitadas bibliográficas de amplo fôlego; cada um colocava a disposição os textos e as notícias que possuía, havia verdadeiras trocas e tudo que decorria disso era concebido em primeiro lugar como bem comum, e somente de forma indireta como mérito pessoal.

Os repertórios bibliográficos desempenhavam, como já dito, obrigatoriamente, não somente as funções de simples registro do patrimônio escrito, mas também as de atestação e evidência do que ainda não tinha sido impresso, principalmente de tornar público o mesmo para que sua existência fosse conhecida e sua edição impressa fosse promovida. Além de fixar os elementos do patrimônio científico e literário, os repertórios acabavam, indiretamente, por fotografar o *status* de instituições livres individuais, ou de coleções e, por consequência, o *humus* cultural das cidades em que elas se encontravam. Muitas dessas coleções, como já assinalamos, mesmo não sendo ainda propriamente “da cidade”, mas privadas como origem e como manutenção, eram “públicas”, lá onde o conceito de público não se referia à propriedade mas ao livre e consentido acesso para os estudiosos.

### **A indagação semântica gesneriana nas *Pandectae***

Vamos agora observar as *Pandectae*, que representam a segunda parte do projeto bibliográfico gesneriano e, de fato, a seção mais complexa. Para compreendê-las somos obrigados a uma referência contínua à primeira parte, onde as informações foram registradas por Gesner de maneira extensa e não sintética como nessa segunda. Elas se revelam em toda sua utilidade e preciosidade informacional somente se o conteúdo, a arquitetura e a concreta contribuição bibliográfica da primeira parte forem bem conhecidas. A dificuldade de interpretação das *Pandectae* impediu sua disseminação comercial editorial e, por isso, o estudo e a pesquisa; mas agora que se disseminaram as cópias digitais para acesso público online de sua edição (1548 e 1549), se observa uma explosão de seu uso com a finalidade de reconstituir a história bibliográfica das disciplinas individuais: em particular, até agora, da música, da medicina e das artes aplicadas.

As *Pandectae* se compõem de 21 livros, os primeiros 19 publicados no I volume de

1548, o livro XXI no II volume de 1549, ficando de fora o livro XX, dedicado à Medicina, que não veio à luz a tempo, como se Gesner tivesse dedicado um cuidado particular ao que espelhava sua formação profissional principal. Da preparação do livro XX temos porém testemunha, através do material bibliográfico médico coletado por Hieronymus Wolph, do qual hoje se encontram na Zentralbibliothek de Zurique três volumes manuscritos, por ele organizados em 1596, enquanto uma parte do material chegou à Noruega por heranças e vendas. O projeto das *Pandectae*, levado quase completamente a cabo é composto pelos *Libri*:

- I. De grammatica et philologia
- II. De dialectica
- III. De rhetorica
- IV. De poetica
- V. De arithmetica
- VI. De geometria
- VII. De musica
- VIII. De astronomia
- IX. De astrologia
- X. De divinatione cum licita tum illicita et magia
- XI. De geographia
- XII. De historiis
- XIII. De diversis artibus illiteratis, mechanicis et aliis humanae vitae utilibus
- XIV. De naturali philosophia
- XV. De prima philosophia seu metaphysica et theologia gentilium
- XVI. De morali philosophia
- XVII. De oeconomica philosophia
- XVIII. De re politica, id est civili et militari
- XIX. De iurisprudencia indices tres
- XX. De re medica
- XXI. De theologia christiana

É também interessante analisar a grade das classes que Gesner insere no último volume e último livro dedicado à Teologia (FIG. 10), na qual expõe sua visão cultural pessoal, que provavelmente reflete aquela de seu ambiente, e nos revela melhor as dificuldades histórico-reconstitutivas que ilustramos anteriormente na parte dedicada à relação entre Bibliografia e História das bibliotecas. Na Filosofia, que embasa todas as artes e as

ciências, se enxertam disciplinas ‘preparatórias’ e disciplinas ‘substanciais’. As preparatórias se especificam em ‘necessárias’, como as matemáticas - aritmética, geometria, música, astronomia e astrologia – e em ‘sermocinais’ ou seja, para exposição – gramática, retórica, poesia, e dialética -, ou ‘ornamentais’ no sentido de úteis para aperfeiçoar todos os outros estudos, com geografia, história, magia e outras artes. As ‘substanciais’, por outro lado, se constituem em física, metafísica, teologia cristã e ética, na qual se encontram economia e política que, por sua vez, compreende o direito.

TABVLA DE SINGVLIS PANDECTARVM  
libris, eorumq; ordine secundum philosophiae diuisionem.

Classificação	Subclassificação	Disciplina	Libro	
Preparantes	Necessarias	Sermocinales	Grammaticam	1
		Dialecticam	2	
		Rhetoricam	3	
		*Poeticam, que tamen magis ornans quam necessaria est.	4	
	Mathematicas	Arithmetica	5	
		Geometria	6	
		Musica	7	
		Astronomia	8	
		Astrologia	9	
	Ornantes	*Poeticam, quam inter Sermocinales posuimus.	10	
		Historiarum cognitionem.	11	
		Geographiam.	12	
		Disiunctionis et magia cognitionem.	13	
		Variam de artibus illiteratis cognitionem.	14	
Physicam.		15		
Metaphysicam et Theologiam gentilium.		16		
Substantiales	Ethicam.	17		
	Oeconomicam	18		
	Politicam	19		
	Iurisperitiam, que Politice subijciuntur.	20		
	Medicina, Physice subiecta.	21		

FIGURA 10 – Tabula das classes, retirada do volume II das *Pandectae* (1549)

Disponível em: < <http://www.e-rara.ch/zuz/content/pageview/625744> >

Os 21 (ou 20) livros contêm o material bibliográfico já presente na *Bibliotheca Universalis* sob o nome dos autores, aqui porém exposto através da granulação de seu conteúdo a partir da disciplina de referência até chegar ao núcleo semântico chamado *locus communis* o *particularis*, correspondente, *grosso modo*, ao nosso atual assunto catalográfico. Em relação ao volume de 1545, estão compreendidas as obras poligráficas (ex. de autores gregos e latinos com listas de *loci communes*), as obras anteriormente não conhecidas, aquelas anônimas que no volume de 1545 não podiam ser apresentadas sob algum autor, aquelas, obviamente, publicadas depois de 1545 ou anteriormente não conhecidas por Gesner, mas também os *scolia*, os parágrafos, os índices, as traduções e os compêndios que na estrutura alfabética não encontravam “autonomia” autoral suficiente.

A arquitetura semântica encontrava, assim, ulteriores subdivisões dentro dos livros, até alcançar o núcleo semântico específico:

Livros / Partições

Títulos

Partes

Parágrafos

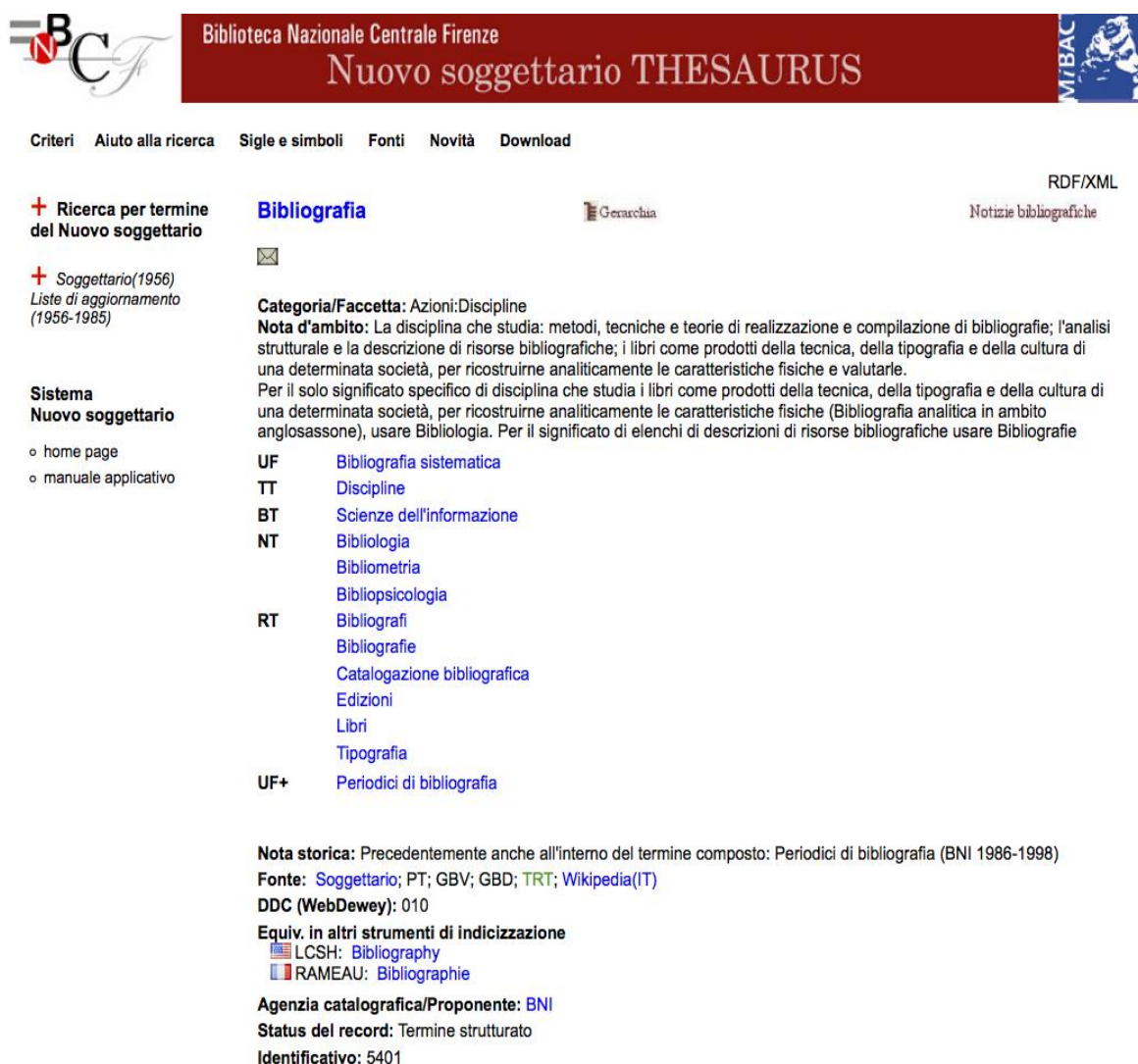
*Loci communes*

*Loci particulares*

As *Pandectae* contribuem bastante à história das classificações: a matriz semântica reúne, através do assunto todas as presenças e os derivados textuais da obra (traduções, comentários, epítomes, prefácios...) reconstituindo assim a configuração completa de participações e contribuições que formam a progênie colateral e seguinte das obras e das edições.

Ainda sublinhamos o fato de a classificação aplicada por Gesner aos *Libri Pandectarum* ser por conceitos; dessa maneira, a mesma coisa é classificada de forma diferente conforme a disciplina em que se encontra; por outro lado, na III parte da *Bibliotheca Universalis*, inédita, que dizia a respeito de um índice alfabético por assunto, muitas acepções teriam desaparecido como entidades e como conceitos. Trata-se de um ponto crucial para as classificações: enquanto nos 21 livros gesnerianos os conceitos ocupavam o lugar que lhes cabia na arquitetura sistemática, a elaboração moderna de assuntos às vezes resulta ainda inadequada, ainda excessivamente ancorada à impositação de natureza terminológica e linguística mais do que à semântica e, para sanear esses pontos críticos, foram individualizadas nos tesouros e listas de assuntos catalográficos “facetadas” para qualificar e definir as relações semânticas entre os termos (mas, de fato, não entre os conceitos!). Em tempos de trocas internacionais contínuas e de abertura imediata e global dos produtos científicos é inaceitável a submissão, ainda, a esses vínculos linguísticos, mas é necessário admitir que Gesner teve a sorte de poder recorrer ao latim que, representando uma espécie de ‘língua franca’ facilitava as operações, tornando-as comuns.

Para exemplificar as questões aqui expostas segue um exemplo retirado do *Nuovo Soggettario* italiano realizado pela Biblioteca Nacional Central de Florença (FIG. 11).



Biblioteca Nazionale Centrale Firenze  
Nuovo soggettario THESAURUS

[Criteri](#) [Aiuto alla ricerca](#) [Sigle e simboli](#) [Fonti](#) [Novità](#) [Download](#)

Ricerca per termine del Nuovo soggettario

Soggettario(1956)  
Liste di aggiornamento (1956-1985)

Sistema Nuovo soggettario

- home page
- manuale applicativo

**Bibliografia**

[Gerarchia](#) [RDF/XML](#) [Notizie bibliografiche](#)

**Categoria/Faccetta:** Azioni:Discipline  
**Nota d'ambito:** La disciplina che studia: metodi, tecniche e teorie di realizzazione e compilazione di bibliografie; l'analisi strutturale e la descrizione di risorse bibliografiche; i libri come prodotti della tecnica, della tipografia e della cultura di una determinata società, per ricostruirne analiticamente le caratteristiche fisiche e valutarle.  
 Per il solo significato specifico di disciplina che studia i libri come prodotti della tecnica, della tipografia e della cultura di una determinata società, per ricostruirne analiticamente le caratteristiche fisiche (Bibliografia analitica in ambito anglosassone), usare Bibliologia. Per il significato di elenchi di descrizioni di risorse bibliografiche usare Bibliografie

**UF** [Bibliografia sistematica](#)  
**TT** [Discipline](#)  
**BT** [Scienze dell'informazione](#)  
**NT** [Bibliologia](#)  
[Bibliometria](#)  
[Bibliopsicologia](#)  
**RT** [Bibliografi](#)  
[Bibliografie](#)  
[Catalogazione bibliografica](#)  
[Edizioni](#)  
[Libri](#)  
[Tipografia](#)  
**UF+** [Periodici di bibliografia](#)

**Nota storica:** Precedentemente anche all'interno del termine composto: Periodici di bibliografia (BNI 1986-1998)  
**Fonte:** [Soggettario](#); [PT](#); [GBV](#); [GBD](#); [TRT](#); [Wikipedia\(IT\)](#)  
**DDC (WebDewey):** 010  
**Equiv. in altri strumenti di indicizzazione**  
[LCSH: Bibliography](#)  
[RAMEAU: Bibliographie](#)  
**Agenzia catalografica/Proponente:** [BNI](#)  
**Status del record:** Termine strutturato  
**Identificativo:** 5401

FIGURA 11 – Pesquisa realizada para ‘Bibliografia’ no *Thesaurus do Nuovo Soggettario* italiano (Florença, BNCf, 2007)<sup>2</sup>

Disponível em: <<http://thes.bncf.firenze.sbn.it/termine.php?id=5401&menuR=2&menuS=2>>

<sup>2</sup> Tradução:

**Categoria/Faceta:** Ações:Disciplinas.

**Nota de âmbito:** A disciplina que estuda: métodos, técnicas e teorias de realização e compilação de bibliografias; a análise estrutural e a descrição de recursos bibliográficos; os livros como produtos da técnica, da tipografia e da cultura de uma determinada sociedade, para reconstituir analiticamente suas características físicas e avaliá-las. Só pelo significado específico de disciplina que estuda os livros como produtos da técnica, da tipografia e da cultura de uma determinada sociedade, para reconstituir analiticamente suas características físicas (Bibliografia analítica em âmbito anglo-saxônico), usar Bibliologia. Para o significado de listas de descrições de recursos bibliográficos usar Bibliografias.

**Nota histórica:** Anteriormente também no interior do termo composto: Periódicos de bibliografia (BNI 1986-1998).





Biblioteca Nazionale Centrale Firenze  
Nuovo soggettario THESAURUS

MT/BAC

[Criteri](#)
[Aiuto alla ricerca](#)
[Sigle e simboli](#)
[Fonti](#)
[Novità](#)
[Download](#)

gerarchia del termine

+ Ricerca per termine del Nuovo soggettario

+ Soggettario(1956)  
Liste di aggiornamento (1956-1985)

Sistema Nuovo soggettario

- o home page
- o manuale applicativo

- Discipline
- [Discipline di applicazione generale]
- Scienze dell'informazione
- ▶ Bibliografia
  - Bibliologia
  - Bibliografia testuale
  - Bibliometria
  - Bibliopsicologia

FIGURA 12 – Hierarquia do termo *Bibliografia*Disponível em: <<http://thes.bncf.firenze.sbn.it/gerarchia.php?id=5401&menuR=2&menuS=2>>

**QUADRO 1** – Siglas das relações semânticas utilizadas no  
*Thesaurus do Nuovo Soggettario*

Sigla	Sigla livre	Tipologia de relação	Significado
BT	Broader term (Termo genérico)	Relação hierárquica	Relação entre um termo preferido e o termo preferido imediatamente acima (mais geral). A relação recíproca é NT
HSEE	Historical see (Variante histórica de)	Relação de variante histórica (relação não <i>standard</i> )	Relação entre um termo não mais preferido (variante histórica) e o novo termo preferido que o substitui. A relação recíproca é HSF
HSF	Historical seen for (Há como variante histórica)	Relação de variante histórica (relação não <i>standard</i> )	Relação entre um termo preferido e uma sua variante histórica. A relação recíproca é HSEE
NT	Narrower term (Termo específico)	Relação hierárquica	Relação entre um termo preferido e o termo preferido imediatamente subordinado (mais específico). A relação recíproca é BT
RT	Related term (Termo associado)	Relação associativa	Relação recíproca entre dois termos correlatos

SNR	Scope Note Reference (Nota de escopo)	Relação de citação na nota de escopo (relação não <i>standard</i> )	Relação entre um termo não preferido citado na nota de escopo de um termo preferido e o próprio termo preferido. A relação recíproca é SNX
SNX	Is referenced in Scope Note (É referenciado na nota de escopo)	Relação de citação na nota de escopo (relação não <i>standard</i> )	Relação entre um termo preferido e um termo não preferido citado em sua nota de escopo. A relação recíproca é SNR
TT	Top Term (Termo tópico)	Relação hierárquica com o termo tópico	Relação entre um termo preferido e o termo tópico de sua hierarquia
UF	Used for (Usado para)	Relação de equivalência	Relação entre um termo preferido e um seu sinônimo ou quase-sinônimo não preferido (used for). A relação recíproca é USE
UF+	Used for + (Está no termo composto não favorito)	Relação de decomposição	Relação entre os termos preferidos derivados pela decomposição de um termo composto não mais aceito e próprio composto. A relação recíproca é USE+
USE	Use (Usar)	Relação de equivalência	Relação entre um termo não preferido e o termo preferido (use). A relação recíproca é UF
USE+	Use + (Descomposto em)	Relação de decomposição	Relação entre um termo composto não mais aceito e os termos decorrentes da decomposição. A relação recíproca é UF+

Tradução das siglas das relações semânticas, disponível originalmente em italiano na URL:  
<<http://thes.bncf.firenze.sbn.it/sigle.php?menuR=2&menuS=2>>

**Conclusão: quanto Gesner é atual? Quanto é útil conhecer sua obra no presente documentário da web?**

Quando me perguntam qual é a atualidade do projeto bibliográfico gesneriano, respondo: o princípio do qual moveu, isso é: registrar o patrimônio escrito, classificá-lo, e identificar o que ainda era inédito, portanto ainda não público.

Não é isso o que continuamos fazendo nos cinco séculos seguintes? E não é o mesmo anseio que nos mobiliza hoje a nos interrogarmos sobre documentos, bibliotecas e arquivos digitais?

Como podemos recuperar aquilo que foi publicado em formato digital ou que é disponível digitalizado na web? Como podemos organizá-lo de forma classificada? Quais são os mapas científicos e documentários que podem nos nortear? Como podemos realizar na web uma busca semântica? Como podemos entender o que está presente e que ainda não?

Imaginemos o caos que a impressão impusera aos eruditos dos século XVI, e refletimos sobre o caos informacional atual: sobre a redundância de dados, a falta de um ‘lugar exato’ onde procurar, a necessidade de poder interrogar um sistema recebendo respostas pertinentes não de um ponto de vista linguístico, mas semântico, para não ter que abrir o caminho na web como em uma floresta a golpes de machado. A busca por palavras na web já é insuficiente porque, em função da quantidade de informações presentes, o usuário é obrigado a filtrar e interpretar os resultados, a presta atenção à sinonímia, a buscar, entre os resultados, respostas pertinentes por conteúdo. Eis que aquilo que procuramos são ‘*pandectae semanticas*’!

Até hoje três tipos de busca são possíveis, ainda que não acessíveis a todos: a primeira é de tipo terminológico e com a linguagem *term-based*, típico da *Information retrieval* (IR); a segunda é de tipo semântico, desenvolvida principalmente pela linguagem dos *linked data*; por último, a de tipo semiótico pela linguagem *content-based*, experimentada pela *Multimedia information retrieval* (MIR).

A tipologia de busca que nesse contexto bibliográfico e documentário mais nos interessa é a segunda, ou seja, aquela de natureza semântica, que opera através das conexões corretas entre dados controlados na base, portanto certificados e des-diferenciados através de vocabulários, taxonomias, tesauros, ontologias gerenciadas por profissionais. As ontologias,

em particular, estão se tornando fundamentais para limitar o *overload* informacional e para gerar um substrato catalográfico novo, predisposto para constituir a web.

Como sabemos, as bibliotecas e seu conteúdo informacional emergem raramente nos resultados dos motores de busca, tanto pela falta de aplicação da tecnologia informática que o torna possível, quanto porque até 5 ou 6 anos atrás se considerava necessário, talvez inconscientemente, separar a realidade bibliotecária do aspecto generalista da web. Se isso tinha ou não fundamento, agora é uma consideração sem mais valor, pelo menos pelo fato de que mesmo quem quer alcançar resposta de âmbito bibliográfico – portanto de pertinência bibliotecária – passa, em primeiro lugar, pela web, sendo já acostumado a uma tipologia de busca simplificada, imediata e de navegação e às respostas de sites comerciais de editores e livrarias antiquárias.

Os próprios OPACs são caros, considerando as tecnologias disponíveis e pouco eficazes face às expectativas dos leitores acostumados a percursos descobertos graças às relações entre as entidades. Portanto, os OPACs deverão ser readaptados também em relação à ordem dos elementos na interface de busca e dotados de requinte automático dos resultados. Trata-se de possibilidades que já existem mas que, no contexto bibliotecário, apresentam a urgência de serem aplicadas; e se as bibliotecas querem, de fato, continuar a ser parte da vida cotidiana da sociedade, devem poder ‘penetrar’ na web, invadir a curiosidade dos cibernautas e se impor ao seu dia-a-dia heurístico.

Voltemos à tecnologia dos *linked data*, destinada a ser um dos atores dessa mudança desejada. As bibliotecas, como as outras instituições culturais representadas por arquivos e museus, devem começar a trabalhar nessa perspectiva, utilizando as inúmeras ontologias especializadas: por exemplo aquelas para a descrição bibliográfica e arquivística (ISBD, FRBR, RDA, OAD), para aquela dos elementos de autoridade (FRAD, FRSAD, LCSH), dos lugares geográficos (GeoNames e FAO Geopolitical Ontologies), dos vários direitos (Creative Commons Rights Expression Language), para as citações (BIBO, SPAR), para os metadados de preservação, para os metadados de dataset etc.

As ricas possibilidades metodológicas e de repertório que a tecnologia oferece e das quais oferecemos exemplos permitem constatar como os momentos críticos para a documentação são aqueles impostos pelo aparecimento das novas tecnologias, que nascem sempre como resposta à necessidade de aumentar o número de pessoas alcançadas, procurando eliminar os obstáculos do tempo e do espaço. Obtido o instrumento, realizada a

possibilidade, aparece a necessidade de dominar os excessos e o caos que as novas situações geram. A procura de uma organização todas às vezes apresenta as mesmas premissas, as mesmas finalidades e as mesmas lógicas humanas aplicadas.

Gesner é, portanto, atual. Aliás, diria extraordinariamente atual. Com as devidas proporções de complexidade gerencial, o que somente ele conseguiu nem sempre os nossos inúmeros grupos de trabalho e de pesquisa conseguem tão bem hoje. Dominar a informação, organizar o conhecimento, chegar a uma “ecologia informacional” é, nesse momento, a maior necessidade e o âmbito mais ocupado das mentes de nossa área. Talvez poderá ajudar, com efeito, a possibilidade de reutilizar dados e a filosofia de responsabilidade cultural proposta pelo padrão de conteúdo RDA (Resource Description and Access) com o auxílio da tecnologia dos *Linked data*. Essas linhas mestras e aquela tecnologia podem se tornar a chave para a constituição de uma web já comumente chamada semântica, ainda que talvez de forma um pouco apressada, no sentido em que as relações estabelecidas entre os elementos descritivos dos documentos (isso é, dos dados fornecidos de forma completa, exaustiva e identificativo/des-diferencial) serão certificados, oportunos, cômputos no significado e não casuais. A web semântica corresponderá assim ao ambiente em que os recursos publicados são associados a informações e metadados que especificam seu contexto semântico em um formato adaptado à elaboração (busca) automática. As máquinas poderão, assim, acessar um conjunto estruturado de informações que lhes permite reutilizar os dados em novas formas, baseadas em regras de inferência.

Nesse contexto, as bibliotecas terão, ainda, seu papel no campo da ciência e da informação documentária enquanto instituições culturais que, com os arquivos e os museus, deverão ocupar-se da preservação e sistematização do patrimônio cultural, tornando possível e fácil a visão e o acesso, o gozo público tanto estético quanto científico. Essa participação será fundamental porque se oporá à massa informacional descontrolada da web, superficial e não confiável, bem como caótica e desorganizada que, portanto, deixa submersa e dispersada boa parte das informações e documentos relevantes e qualificados.

Concluindo: a Bibliografia não é somente uma disciplina e uma ciência, mas também uma filosofia para a abordagem responsável, consciente e estruturada ao universo dos documentos, para garantir a permanência da civilização.

A Bibliografia, através das bibliotecas, afirmará novamente sua missão em um futuro aparentemente distante do passado no qual colocamos Gesner mas - talvez, como o próprio

Gesner consideraria conforme a visão de zwingliana que o animava - em um futuro que com o passado e o presente são um momento único da humanidade.

## Referências

### *Para aprofundar sobre a epistemologia da Bibliografia*

BERNSTEIN, Lawrence F. The bibliography of music in Conrad Gesner's Pandectae (1548). **Acta Musicologica**, v. 45, fasc. 1, jan./jun.1973. pp. 119-163. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/932225>>. Acesso em: 15 maio 2015.

BLAIR, Ann. Reading strategies for coping with information overload ca.1550-1700. **Journal of the history of ideas**, v. 64, n. 1, p.11-28, 2003.

EADEM. Un clamoroso plagio bibliografico alla metà del cinquecento. **Bibliotheca**, v. 4, n. 1, p. 279-285, 2005.

JASENAS, Michael. **A history of the bibliography of philosophy**. New York; Georg Olms verlag Hildesheim. 1973.

NELLES, Paul. Reading and memory in the universal library: Conrad Gesner and the renaissance book. In: BEECHER, Donald; WILLIAMS, Grant (ed.). **Ars reminiscendi: mind and memory in Renaissance culture**. Toronto: Centre for Reformation and Renaissance Studies, 2009.

ROSENBERG, Daniel. Early Modern Information Overload. **Journal of the History of Ideas**, v. 64, n. 1, p. 1-9, January 2003.

SABBA, Fiammetta. “Documenti” e “Monumenti”: un contributo alla epistemologia bibliografica. **Accademie e Biblioteche d’Italia**, v. 3/4, p. 11-19, 2004.

\_\_\_\_\_. Indici bibliografici. **Bibliotheca**, v. 5, n. 1, p.78-86, 2006.

SABBA, Fiammetta (Ed.). **Le biblioteche private come paradigma bibliográfico: atti del Convegno Internazionale, Roma, Tempio di Ariano, 10-12 ottobre 2007**. Roma: Bulzoni, 2008. 524 p. (Il Bibliotecario, 20).

\_\_\_\_\_. Introduzione. In: MINISTERO PER I BENI E LE ATTIVITÀ CULTURALI - BIBLIOTECA ANGELICA. **Indice dei nomi degli Autori dei manoscritti in scrittura latina della Biblioteca Angelica di Roma**. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, Libreria dello Stato, 2009. (Collezione “Indici e Cataloghi”).

SERRAI, Alfredo. **Analecta libraria: temi di critica bibliografica e di storia bibliotecaria**. Roma: Bulzoni, 2000.

\_\_\_\_\_. **Biblioteconomia come scienza: introduzione ai problemi e alla metodologia.** Firenze: Olschki, 1973.

\_\_\_\_\_. **Breve storia delle biblioteche in Italia.** Milano: Sylvestre Bonnard, 2006.

\_\_\_\_\_. **Le classificazioni: idee e materiali per una teoria e per una storia.** Firenze: Olschki, 1977.

\_\_\_\_\_. **Il cemento della bibliografia.** Milano: S. Bonnard, 2001.

\_\_\_\_\_. **Dai loci communes alla bibliometria.** Roma: Bulzoni, 1984.

\_\_\_\_\_. **Flosculi bibliographici.** Roma: Bulzoni, 2001.

\_\_\_\_\_. **Guida alla biblioteconomia.** Firenze: Sansoni, 1983.

\_\_\_\_\_. **Dalla informazione alla bibliografia: la professione bibliotecaria.** Milano: Bibliografica. 1984.

\_\_\_\_\_. **Natura elementi e origine della bibliografia in quanto mappa del sapere e delle lettere.** Roma: Bulzoni, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ricerche di biblioteconomia e di bibliografia.** Firenze: La nuova Italia, 1983.

\_\_\_\_\_. **Storia della bibliografia:** Roma: Bulzoni, 1988-2011. (11 volumes em 13 tomos: I-IX; X/1-2; XI/1-2): 1. Bibliografia e Cabala; Le enciclopedie rinascimentali (1). - 2. Le enciclopedie rinascimentali (2); Bibliografi universali. - 3. Vicende e ammaestramenti della 'Historia literaria'. - 4. Cataloghi a stampa; Bibliografie teologiche; Bibliografie filosofiche; A. Possevino. - 5. Trattatistica biblioteconomica. - 6. La maturità disciplinare. - 7. Storia e critica della catalogazione bibliografica / a cura di Gabriella Miggiano. - 8. Sistemi e tassonomie / a cura di Marco Menato. - 9. Manualistica, didattica e riforme nel sec. XVIII. - 10/I-II. Specializzazione e pragmatismo: i nuovi cardini della attività bibliografica. - 11/I-II. Indici volumi I-X.

SERRAI, Alfredo; SABBA, Fiammetta. **Profilo di Storia della bibliografia.** Milano: Edizioni Sylvestre Bonnard, 2005.

\* Numerosos artigos e intervenções nos periódicos bibliográficos: «Il Bibliotecario», Roma, Bulzoni Editore (1984-1999, 2008-2011); «Bibliotheca, Rivista di studi bibliografici» Milano, Sylvestre Bonnard (2002-2007); «Bibliothecae.it» Perugia, Morlacchi Editore (2012-2015, e em 2016 é publicado in *open access* na plataforma ALMA DL da Alma Mater Studiorum di Bologna.

***Para aprofundar sobre Conrad Gesner***

CANFORA, Luciano. **Il Fozio ritrovato**: Juan de Mariana e André Schott. Con l'inedita Epitome della Biblioteca di Fozio ed una raccolta di documenti a cura di Giuseppe Solaro. Appendici di Renata Roncali, Niccolò Zorzi, Margherita Losacco, Luciano Canfora. Bari: Edizioni Dedalo, 2001.

CECCARELLI, Maria Grazia. il fondo "Tigurino" della Biblioteca Passionei all'Angelica. **II Bibliotecario**, v. 9, p. 93-132, 1986.

COCHETTI, Maria. **Repertori bibliografici del cinquecento**. Roma: Bulzoni, 1987.

DAVIS, Margaret Daly. Conrad Gesner: *Pandectarum, sive Partitionum universalium ... libri XXI* (Zürich 1548). Auszüge zur Kunstgeschichte und Altertumswissenschaft / Excerpted bibliographies for the history of art and the study of antiquity. **Fontes. Quellen und Dokumente zur Kunst 1350-1750**. (1 nov. 2007). Disponível em: <[http://archiv.ub.uni-heidelberg.de/artdok/378/1/Daly\\_Davis\\_Fontes1.pdf](http://archiv.ub.uni-heidelberg.de/artdok/378/1/Daly_Davis_Fontes1.pdf)>

FISCHER, Hans; PETIT, Georges, STAEDTKE, Joachim, STEIGER, Rudolf, ZOLLER, Heinrich. **Conrad Gessner, 1516–1565: Universalgelehrter, Naturforscher, Arzt**. Zürich, 1967.

FRYDE, Edmund B. **Humanism and Renaissance Historiography**. London: Hambledon Press, 1983.

GERMANN, Martin. **Die reformierte Stiftsbibliothek am Grossmünster Zürich im 1. Jahrhundert und die Anfänge der neuzeitlichen Bibliographie. Rekonstruktion des Buchbestandes und seiner Herkunft, der Bücheraufstellung un des Bibliotheksraumes. Mit Edition des Inventars 1532/1551 von Conrad Pellikan**. Wiesbaden: Harrassowitz, 1994.

HANHART, Johannes. **Conrad Gessner**. Ein Beytrag zur Geschichte des wissenschaftlichen Strebens und der Glaubensverbesserung im 16ten Jahrhundert. Winterthur: in der Steinerischen Buchhandlung, 1824.

HARTMANN, Alfred; JENNY, Beat Rudolf. **Die Amerbachkorrespondenz. VI. Band. Die Briefe aus den Jahren 1544-1547**. Basel: Verlag der Universitätsbibliothek, 1967.

HOBSON, Anthony. The "Iter Italicum" of Jean Matal. In: **STUDIES in the book trade in honour of Graham Pollard**. Oxford: Oxford Bibliographical Society, 1975. p. 33-61. (Oxford Bibliographical Society Publications, 18.).

HOBSON, Anthony. **Renaissance book collecting**: Jean Grolier and Diego Hurtado de Mendoza, their books and bindings. Cambridge, University Press: 1999.

IRIGOIN, Jean. Les ambassadeurs a Venise et le commerce des manuscrits grecs dans le années 1540-1550. In: BECK, Hans-Georg; MANOUSSACAS Manoussos, PERTUSI, Agostino. **Venezia centro di mediazione tra Oriente e Occidente (secoli XV-XVI): aspetti e problemi**. Firenze: Leo S. Olschki, 1977. V. 2. p.399-415.



JENNY, Beat Rudolf. Arlenius in Basel. **Basler Zeitschrift für Geschichte und Altertumskunde**, 64 (1964), p. 5-45.

LEU, Urs B. **Conrad Gesner als theologe**: ein Beitrag zur Zürcher Geistesgeschichte des 16. Jahrhunderts. Bern: P. Lang, 1990.

LEU, Urs B.; KELLER, Raffael; WEIDWANN, Sandra. **Conrad Gessner's private library**. Leiden-Boston: Brill, 2008.

SABBA, Fiammetta. La Biblioteca di Diego Hurtado de Mendoza nella "Bibliotheca Universalis" di Conrad Gesner. **Bibliotheca**, v. 6, n. 2, p. 93-112, 2007.

\_\_\_\_\_. **La 'Bibliotheca Universalis' di Conrad Gesner**: monumento della cultura europea. Roma: Bulzoni, 2012.

\_\_\_\_\_. Gli scrittori italiani di Medicina nella 'Bibliotheca Universalis' di Conrad Gesner", **Bibliologia**, v. 8, p. 39-62, 2013.

SERRAI, Alfredo. **Conrad Gesner**. Roma: Bulzoni, 1990.

\_\_\_\_\_. **Domenico Passionei e la sua Biblioteca**. Milano: Sylvestre Bonnard, 2004.

\_\_\_\_\_. I 'Pandectae' di Conrad Gesner. **Bibliotheca**, v. 1, p. 11-37, 2007.

\_\_\_\_\_. Una scoperta sensazionale all'Angelica: da Gesner a Passionei e Scheuchzer. **Il Bibliotecario**, v. 7/8, p. 81-103, 1986.

STEIGER, Rudolf. Erschließung des Conrad-Gesner-Materials der Zentralbibliothek Zürich, **Gessnerus**, v. 25, p. 29-64, 1968.

WELLISH, Hans. **Conrad Gessner**: a bio-bibliography. Zürich, 1984.

*Alguns títulos de autores italianos para aprofundar os temas tratados ligados à contemporaneidade catalográfica e da information retrieval*

BIAGETTI, Maria Teresa. Nuove funzionalità degli OPAC e relevance ranking. **Bollettino AIB**, v. 50, n. 4, p. 339-356, 2010.

\_\_\_\_\_. Sviluppi e trasformazioni delle biblioteche digitali: dai repositories di testi alle semantic digital libraries. **AIB studi**, v. 54, n. 1, p. 11-34, 2014. DOI: 10.2426/aibstudi-9955. gennaio/aprile

BIANCHINI, Carlo; GUERRINI, Mauro. **Introduzione a RDA**. Milano: Bibliografica, 2014. [Recensione di Fiammetta Sabba: *Bibliothecae.it*. Rivista semestrale di studi, v. 3, n. 2, p. 239-240, 2014]

GUERRINI, Mauro; POSSEMATO, Tiziana. **Linked data per biblioteche, archivi e musei**. Milano: Editrice Bibliografica, 2015 [Recensione di Fiammetta Sabba: *Bibliothecae.it*. Rivista semestrale di studi, v. 5, n. 1, 2016. No prelo].

RAIELI, Roberto; INNOCENTI, PERLA (Ed.). **Multimedia information retrieval: metodologie ed esperienze internazionali di content-based retrieval per l'informazione e la documentazione**. Premessa di Lucia Mafferi. Roma: AIDA, 2004.

RAIELI, Roberto. Così lontani, così vicini: i possibili alleati delle biblioteche nelle sfide per la trasmissione delle conoscenze. **AIB studi**, v. 53, n. 1, p.5-8, 2013.

\_\_\_\_\_. Multimedia Digital Libraries Handling: the Organic MMIR Perspective, in Bridging between Cultural Heritage Institutions. In: ITALIAN RESEARCH CONFERENCE ON DIGITAL LIBRARIES, 9., 2013. **Proceedings...** BerlinHeidelberg: Springer, 2014. p. 171-186. v. 385.

\_\_\_\_\_. **Multimedia Information Retrieval: theory and techniques**. Oxford: Chandos, 2013.

\_\_\_\_\_. **Nuovi metodi di gestione dei documenti multimediali: principi e pratica del MultiMedia Information Retrieval**. Milano: Bibliografica, 2010.

\_\_\_\_\_. The semantic hole: enthusiasm and caution around the MultiMedia Information Retrieval, **Knowledge Organization**, v. 39, n. 1, p.13-22, 2012.

SABBA, Fiammetta. Il digitale deve confrontarsi con la Bibliografia. **Bibliothecae.it.**, v. 2, n. 1, p. 281-289, 2013.

\_\_\_\_\_. La Biblioteca digitale tra risorsa e aspirazione del bibliografo. **Atti del Convegno 'Noetica versus informatica': le nuove strutture della conoscenza scientifica** (19-20 novembre 2013). Roma-Firenze, CCIAA-Olschki, 2015. p. 217-229 (più 'Nota del curatore' a p. XI).

\_\_\_\_\_. Cantiere documentazione. **Bibliothecae.it**, v. 4, n. 1, p.147-161, 2015.

SABBA, Fiammetta (Ed.). **Noetica versus informatica: le nuove strutture della comunicazione scientifica**. Atti del convegno internazionale, 19-20 novembre 2013. Firenze: Leo S. Olschki, 2015.